
CENTRO UNIVERSITÁRIO SANTA AMÉLIA – UNISECAL

LAÍSA DE MORAIS PEREIRA

A LINHA TÊNUE ENTRE O JORNALISMO E A LITERATURA:

**Uma análise do gênero crônica e de suas características híbridas em textos do
jornalista Rubem Braga**

**PONTA GROSSA
2020**

LAÍSA DE MORAIS PEREIRA

A LINHA TÊNUE ENTRE O JORNALISMO E A LITERATURA:

Uma análise do gênero crônica e de suas características híbridas em textos do jornalista Rubem Braga.

Artigo desenvolvido como Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como critério parcial para obtenção do grau de Bacharel em Comunicação no curso de Jornalismo do Centro Universitário Santa Amélia – UniSecal.

Doutora em Comunicação e Linguagens pela Universidade Tuiuti do Paraná (UTP). Mestre em Comunicação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Professora do curso de Jornalismo do Centro Universitário Santa Amélia – UniSecal, Giovana Montes Celinski.

PONTA GROSSA

2020

LAÍSA DE MORAIS PEREIRA

A LINHA TÊNUE ENTRE O JORNALISMO E A LITERATURA:

Uma análise do gênero crônica e de suas características híbridas em textos do jornalista Rubem Braga

Artigo desenvolvido como Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como critério parcial para obtenção do grau de Bacharel em Comunicação no curso de Jornalismo do Centro Universitário Santa Amélia – UniSecal.

Banca Examinadora:

Prof. Dra. Giovana Montes Celinski
Centro Universitário Santa Amélia - UNISECAL.

Prof. Componente da Banca
Centro Universitário Santa Amélia - UNISECAL.

Prof. Componente da Banca
Centro Universitário Santa Amélia - UNISECAL.

Ponta Grossa, ____ de _____ de 2020.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	4
2 ORIGENS DO JORNALISMO LITERÁRIO	6
3 CRÔNICA: GÊNERO JORNALÍSTICO OU LITERÁRIO?	10
4 QUEM FOI RUBEM BRAGA?	13
5 METODOLOGIA	15
6 A LINHA TÊNUE ENTRE O JORNALISMO E A LITERATURA	16
6.1 O PRACINHA JUAN.....	17
6.2 CURITIBA.....	19
6.3 RECADO DE PRIMAVERA.....	21
6.4 SÍNTESE ANALÍTICA	23
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	23
REFERÊNCIAS	24

A LINHA TÊNUE ENTRE O JORNALISMO E A LITERATURA:

Uma análise do gênero crônica e de suas características híbridas em textos do jornalista Rubem Braga

Laísa de Moraes Pereira¹ (UniSecal)
Orientadora Prof. Dra. Giovana Montes Celinski² (UniSecal)

Resumo: O presente trabalho buscou investigar quais as características jornalísticas e literárias podem ser observadas no gênero crônica, especificamente nas produções de Rubem Braga. Autores como Felipe Pena, Marcelo Bulhões, José Castello e Monica Martinez, os quais estudam o jornalismo literário e as suas vertentes, foram fundamentais para a construção dos conceitos desse estudo, bem como para a elaboração da análise qualitativa acerca das crônicas de Braga, que buscou responder ao questionamento: as crônicas são um gênero híbrido?

Palavras-chave: Crônica; Jornalismo; Literatura; Rubem Braga.

THE TENUE LINE BETWEEN JOURNALISM AND LITERATURE:

An analysis of the chronic genre and its hybrid characteristics in texts by journalist Rubem Braga

Abstract: This article sought to investigate which journalistic and literary characteristics can be observed in the chronic genre, specifically in the works of Rubem Braga. Authors such as Felipe Pena, Marcelo Bulhões, José Castello and Monica Martinez, who study literary journalism and its aspects, were fundamental for the construction of concepts of this study, as well as for the development of qualitative analysis about the chronicles of Braga, which sought to answer the question: are chronicles a hybrid genre?

Keywords: Chronic; Journalism; Literature; Rubem Braga.

1 INTRODUÇÃO

Nem tão próximo do jornalismo factual e nem tão afastado da literatura ficcional, o jornalismo literário está presente em uma interseção entre os dois gêneros textuais.

Diferente das *hard news*, o jornalismo literário é muito mais profundo e ultrapassa os limites do acontecimento cotidiano e factual, de forma com que o texto ainda tenha importância no dia seguinte, conforme explica Felipe Pena (2011):

Não se trata apenas de fugir das amarras da redação ou de exercitar a veia literária em um livro-reportagem. O conceito é muito mais amplo. Significa potencializar os recursos do jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade,

¹ Acadêmica do último período de Jornalismo – Comunicação Social no Centro Universitário Santa Amélia (UniSecal) – laisadem@gmail.com.

² Professora Orientadora do departamento de Jornalismo no Centro Universitário Santa Amélia (UniSecal) – giovana.celinski@professorunisecal.edu.br.

exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do *lead*, evitar os definidores primários e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos. No dia seguinte, o texto deve servir para algo mais do que simplesmente embrulhar o peixe na feira (PENA, 2011, p.13).

Neste cenário, encontra-se a crônica, estilo de escrita híbrido que é caracterizado por narrar os fatos do cotidiano sob uma perspectiva literária e autoral, profunda e, ainda sim, relevante para o leitor. Segundo Pena (2011), essas diferentes estratégias de escrita não excluem atitudes e hábitos importantes de todo jornalista, como: “apuração rigorosa, a observação atenta, a abordagem ética e a capacidade de se expressar claramente, entre outras coisas” (PENA, 2011, p. 49).

Mas, se a crônica transita entre dois gêneros textuais, qual é o limite que separa um do outro? Quais características jornalísticas e literárias estão presentes na crônica jornalística? Quais estruturas estão presentes nesse gênero?

Para responder a estas perguntas, o presente trabalho investigou três crônicas de Rubem Braga (1913-1990) – jornalista e escritor brasileiro, vencedor de dois prêmios Jabuti e um dos maiores cronistas do Brasil - publicadas nos periódicos *Diário Carioca*, *Correio da Manhã* e *Revista Nacional*.

Os textos foram escolhidos levando em consideração a ordem cronológica de publicação, a fim de que as características de escrita de Braga fossem analisadas, comparando-as ao longo da própria carreira do autor. Dessa forma, foram investigados quais elementos e técnicas literárias e/ou jornalísticas o autor usou na escrita das crônicas no decorrer da carreira. São elas: O pracinha Juan (1944), Curitiba (1954) e Recado de Primavera (1980).

Entre tantas crônicas, foi difícil escolher apenas algumas, tendo em vista a quantidade de material que Braga produziu durante a vida e a relevância dos textos para o jornalismo e literatura nacional.

Contudo, este recorte foi realizado considerando dois pontos: a cronologia das publicações (como já mencionado anteriormente) e a temática de cada crônica (abordando desde o trabalho de Rubem Braga como correspondente de guerra, até como escritor do cotidiano, abordando assuntos corriqueiros de um jornal e até mesmo se despedindo de um amigo pessoal).

Ao considerar este contexto, apresentou-se como hipótese central da pesquisa a percepção de que as crônicas são um gênero híbrido que transita entre o

jornalismo e a literatura. Dessa forma, buscou-se identificar quais são as características presentes neste tipo de texto para então comprovar esta hipótese.

Para realizar esta investigação, foi utilizada a análise qualitativa como ferramenta metodológica, a fim de verificar o que de jornalístico há nas crônicas do autor e o que de literário existe nos mesmos textos.

A fim de analisar o objeto de estudo, os tópicos a seguir apresentam um resgate histórico e uma discussão sobre as origens do jornalismo literário, no qual se insere o gênero crônica. Serão abordados temas como o surgimento do jornalismo literário e do gênero crônica, principais autores e características do gênero.

2 ORIGENS DO JORNALISMO LITERÁRIO

Em um primeiro momento, o jornalismo literário surgiu como uma alternativa para que os escritores pudessem fugir das amarras da redação e potencializassem os recursos do próprio Jornalismo, conforme explica Pena (2011).

Segundo Pena, existem inúmeras discussões sobre a definição de jornalismo literário. Por tratar-se de um gênero que combina dois discursos diferentes – o jornalismo e a literatura – a missão de classificar o jornalismo literário dentro de uma só definição é quase impossível, já que a premissa básica é justamente a transitoriedade entre um e outro (PENA, 2011, p.20).

No Brasil, alguns estudiosos entendem que o gênero é apenas o nome de um período do Jornalismo no país e outros o relacionam com o *New Journalism* dos Estados Unidos. Entretanto, Pena (2000) define o objeto em questão como um terceiro gênero, fruto da junção do jornalismo com a literatura.

Assim, defino o Jornalismo Literário como linguagem musical de transformação expressiva e informacional. Ao juntar os elementos presentes em dois gêneros diferentes, transformo-os permanentemente em seus domínios específicos, além de formar um terceiro gênero, que também segue pelo inevitável caminho da infinita metamorfose (PENA, 2011, p. 21).

Dessa forma, Pena afirma que o conceito não é definido apenas pelas funções de informar ou entreter, “[...] mas sim de uma atitude narrativa em que ambos estão misturados. Não se trata nem de Jornalismo, nem de Literatura, mas sim de melodia” (PENA, 2011, p.21), ou seja, trata-se de uma sincronia entre os dois.

Este gênero textual ganhou mais força entre os anos de 1830 e 1840, na França e na Grã-Bretanha, quando foi incorporado à lógica capitalista. A partir daí o jornalismo popular teve uma eclosão e passou a ser um ótimo negócio, tanto para os leitores quanto para os escritores (PENA, 2011, p.29).

Para os escritores, também era um bom negócio. Não só porque recebiam em dia dos novos patrões, mas também pela visibilidade que ganhavam a partir da divulgação de suas histórias e de seus nomes. E o último elemento desse tripé, obviamente, eram os anunciantes, que, com o aumento das tiragens, pagavam mais caro pelo espaço publicitário e ajudavam a consolidar a lógica capitalista dos jornais (PENA, 2011, p. 29).

Para Monica Martinez (2016), os autores que mais se destacam no jornalismo literário, no Brasil, são Euclides da Cunha (1866-1909) e João do Rio, pseudônimo de Paulo Barreto (1881-1921).

O primeiro, cobriu a Guerra de Canudos em 1897 para o jornal *O Estado de S. Paulo* e, posteriormente, usou o material que colheu para produzir o livro *Os Sertões* (1902). “Um dos pontos de ligação de Cunha com o Jornalismo Literário contemporâneo é a tentativa de, em lugar de heróis, dar voz às pessoas comuns, com seus problemas e limitações” (MARTINEZ, 2016, p. 36).

Já o outro autor citado, João do Rio, destaca-se pela imersão na realidade. “Um dos marcos da produção de João do Rio é seu mergulho na realidade para relatá-la com saber e sabor. O jornalismo, aqui, em sua melhor forma, como irmão de outras áreas do conhecimento, como a Sociologia e a Psicologia” (MARTINEZ, 2016, p.37).

Euclides da Cunha escrevia o que hoje se denomina como folhetim, um dos principais instrumentos para a popularização da cultura. Este estilo de escrita possui uma narrativa exclusiva, dirigido a um público bem amplo, de todas as classes. Embora muitas vezes seja confundido com as crônicas, os folhetins possuíam uma linguagem simples, de fácil acesso a todos, com muitos recursos semelhantes aos usados nas telenovelas, como a repetição e o uso de exageros dramáticos, por exemplo (PENA, 2011). “As histórias eram publicadas em fascículos, no final de cada capítulo existia sempre um acontecimento dramático, que só seria resolvido na edição seguinte do jornal, garantindo assim a próxima compra do leitor” (PENA, 2011, p. 29).

Mesmo com as críticas, o folhetim foi importante para democratizar a cultura, ampliando o acesso da literatura às diversas classes do público. Assim, Pena

conclui que o “casamento entre imprensa e escritores era perfeito” (PENA, 2011, p.32). O relacionamento impulsionado pelo capitalismo ajudou a difundir a cultura e a aumentar os lucros dos jornais, porque o público queria ler, mas os livros eram muito caros. Como os jornais eram mais acessíveis, o lucro era certo: todos queriam acompanhar diariamente o enredo dos folhetins.

Porém, enquanto Pena (2011) defende o relacionamento do jornalismo literário com o capitalismo, para o autor José Castello (2007), a literatura não pode ser vista somente como um artigo de consumo e “não só mais uma peça, ágil e descartável, no grande esquema da promoção” (CASTELLO, 2007, p. 70).

Neste sentido, Castello argumenta que este gênero assume uma tarefa de respiradouro para o leitor, proporcionando meios para que ele também reflita acerca do que lê e não apenas consuma informações de maneira veloz, como acostumou-se a fazer devido a rapidez do mundo atual (CASTELLO, 2007, p.71), conforme explica:

Abre-se para o jornalismo literário a tarefa de servir como um respiradouro, por meio do qual o leitor possa encontrar um ritmo oposto ao andar acelerado e ofegante. Em vez de pressa, reflexão; em lugar da saturação das notícias prontas, a seleção de informações, sua análise e depuração. Um espaço para parar, e não para correr (CASTELLO, 2007, p. 71).

Castello (2007) define o jornalismo literário como “[...] uma ficção de fronteira, que roça o real e o desafia, que o toca e dele se esquia; um espaço intermediário, entre o ideal e o real. É aí, nesse vão, que a literatura surge como uma possibilidade especial de sabedoria” (CASTELLO, 2007, p. 72).

Contudo, mesmo que jornalismo literário cumpra tais papéis, Sergio Vilas-Boas (2008) destaca que o gênero continua sendo, antes de tudo, jornalismo. Além disso, para realizar produções nesta área, é preciso combinar o conteúdo e a forma.

Sim, o jornalismo praticado pelas mídias de massa ainda tem-se formulado majoritariamente dentro do quadrilátero estatística, efeméride, serviços e opiniões. Opiniões, então, quanta opinião! Cada vez mais. Mas esse jornalismo urgente, descarnado e opiniático – “periódico”, para usar uma definição mais técnica – não é o único que existe. O Jornalismo Literário, por exemplo, é uma entre várias alternativas para a oxigenação dos textos herméticos (da academia), pernósticos (dos colunistas) e banais (dos noticiários). As reportagens especiais de fôlego estão retornando ao cenário, aqui e ali. E então podemos de novo dizer que a genuína índole do Jornalismo Literário seria fazer com que conteúdo e forma sejam parceiros

da mesma aventura, assim como são na boa literatura de ficção (VILAS-BOAS, 2008, p.9).

Mas como unir a forma e o conteúdo? Quais elementos compõem o texto do jornalismo literário? Segundo Pena (2011) existem basicamente quatro recursos básicos: “Reconstruir a história cena a cena; registrar diálogos completos; apresentar as cenas pelos pontos de vista de diferentes personagens; registrar hábitos, roupas, gestos e outras características simbólicas do personagem” (PENA, 2011, p. 54).

Já Edvaldo Pereira Lima (2009), aponta os dez pilares fundamentais do jornalismo literário: exatidão e precisão, saber contar uma história, humanização, compreensão, universalização temática, estilo próprio e voz autoral, imersão, simbolismo, criatividade e responsabilidade ética.

Primeiro o autor mergulha no real, vive intensamente, de corpo e alma, a experiência de vida dos personagens. Depois é que se afasta, reflete sobre a experiência, deixa as emoções, as intuições e os pensamentos assentarem. E então escreve (LIMA, 2009, p. 373).

Além disso, também é preciso trabalhar exaustivamente para extrair o maior número possível de informações. Portanto, busca-se ambientar as cenas para proporcionar ao leitor uma identificação com o texto (PENA, 2011, p. 55).

O detalhamento do ambiente, as expressões faciais, os costumes e todas as outras descrições só farão sentido se o repórter souber lidar com os símbolos. Se puder atribuir significado a eles e, mais importante ainda, se tiver a sensibilidade para projetar a ressignificação feita pelo leitor (PENA, 2011, p.55).

Outra característica importante do texto é a linguagem informal, sem a utilização de grandes recursos estilísticos. Pena defende que isso não interfere a qualidade do texto, mas colabora com “o desejo de expressar a linguagem das ruas e se aproximar da atmosfera retratada” (PENA, 2011, p. 61).

Nesse sentido, Monica Martinez (2016) destaca que o mergulho na realidade, responsável pela produção de reportagens imersivas, deve ser pautado pelo uso de “métodos diferenciados de captação da realidade” (MARTINEZ, 2016, p.329), como é o caso da “cultura do ouvir”, uma proposta original de Norval Baitello Jr, em que se sugere o “ouvir interativo”, a fim de tornar a prática mais motivadora, tanto para o entrevistador, como para o entrevistado (MARTINEZ, 2016).

A maneira mais motivadora de participar de uma conversação é nos posicionarmos, isto é, dizermos o que sentimos e pensamos sobre o tema. Participar ativamente implica raciocinar, tentar descobrir, influenciar, contribuir para o que está sendo exposto. Essa postura ativa demanda muito mais do que fazer sim com a cabeça, sorrir, emitir sinais de que está entendendo, está interessado, se divertindo, se indignando ou se surpreendendo com o que se está sendo dito. O resultado para quem a adota é uma forma motivadora de participação, tanto para o ouvinte como para o falante (AMÉLIO; MARTINEZ, 2005, p. 99 apud MARTINEZ, 2016, p. 330).

Assim, a prática da escuta ativa consiste em fatores simples, como prestar atenção ao falante e depois repetir o que foi compreendido do discurso da fonte. Martinez (2016) defende que “[...] a prática habilita ambos, jornalista e fonte, a descobrir se a mensagem foi bem transmitida, evitando-se, ou, ao menos, reduzindo-se, a incidência de ruídos e, conseqüentemente, de equívocos” (MARTINEZ, 2016, p. 331).

Além de se fazer entendido pela fonte, a prática da escuta ativa também proporciona outras vantagens, como a possibilidade da fonte expressar o seu ponto de vista da melhor maneira, “[...] abrindo-se mais a respeito de algum ângulo do assunto, o que melhora a qualidade do relato” (MARTINEZ, 2016, p. 331).

A união das características citadas acima, junto dos métodos de apuração e entrevista, resultam em grandes possibilidades textuais. Bulhões (2007) destaca que o jornalismo literário está presente nos seguintes subgêneros: grande reportagem, livro-reportagem, romance-reportagem, conto-reportagem, perfis e até mesmo nas crônicas.

3 CRÔNICA: GÊNERO JORNALÍSTICO OU LITERÁRIO?

Inserida no jornalismo literário, está a crônica. Etimologicamente, o termo ‘crônica’ vem da palavra *chronos*, o que remete ao “deus grego que representa o tempo” (BULHÕES, 2007, p.50). Este reconhecimento implica na compreensão de que ela, a crônica, “[...] se situa sempre na frequência de uma determinada faixa temporal” (BULHÕES, 2007, p.50). Ou seja, o gênero sempre estará associado a um tempo ou eventos circunstanciais.

Marcelo Bulhões (2007) explica que a crônica possui uma forma híbrida, considerada ao mesmo tempo jornalística e literária. Desde a década de 30, ela

começou a estar presente nas páginas dos jornais diários, com a função de “[...] arejar o peso da folha diária, tão carregada de preocupações e tensões da vida contingente” (BULHÕES, 2007, p.48).

O autor ainda destaca que a crônica, “[...] por não possuir grandes ambições e por não comportar sisudez, nos salva a todos, leitores de jornal, como exercício de liberdade” (BULHÕES, 2007, p.61). Dessa forma, o cronista pode ser visto como a pessoa mais “livre” da redação de um jornal. Conforme aponta Bulhões (2007), isso se deve ao fato de que a crônica “[...] vive conectada às condições de produção e difusão do jornal diário e dialoga, mesmo que implicitamente, com o noticiário de cada dia” (BULHÕES, 2007, p.57).

Entretanto, por mais inspirador que seja o contexto teórico, atualmente, na prática, o escritor-cronista também faz parte de um sistema produtivo, o que implica horários de trabalho e prazos de entrega, o famoso *deadline*, e pode, assim, prejudicar a sua espontaneidade (BULHÕES, 2007).

Já Antonio Candido (2003), na obra *A vida ao rés-do-chão*, defende que, devido às características deste gênero, a crônica poderia ser considerada como genuinamente brasileira. “No Brasil ela tem uma boa história, e até se poderia dizer que sob vários aspectos é um gênero brasileiro, pela naturalidade com que se aclimatou aqui e a originalidade com que aqui se desenvolveu” (CANDIDO, 2003, p.89).

Sobre as características do gênero crônica, Candido (2003) destaca que a linguagem é simples, descompromissada e possui até um toque humorístico, recursos que configuram o maior prestígio à crônica. “O seu grande prestígio atual é um bom sintoma do processo de busca de oralidade na escrita, isto é, de quebra de artifício e aproximação com o que há de mais natural no modo de ser do nosso tempo. E isto é humanização da melhor” (CANDIDO, 2003, p. 90).

Candido (2003) também destaca que é preciso insistir na simplicidade linguística da crônica, na brevidade e nas características próprias do gênero.

Este é um bom exemplo de como a crônica pode dizer as coisas mais sérias e mais empenhadas por meio do ziguezague de uma aparente conversa fiada. Mas igualmente sérios são as descrições alegres da vida, o relato caprichoso dos fatos, o desenho de certos tipos humanos, o mero registro daquele inesperado que surge de repente (CANDIDO, 2003, p. 98).

Para conseguir chegar neste resultado, os cronistas podem fazer uso de alguns recursos, como diálogos, narrativa de forma mais espaiada, com estrutura de ficção ou por meio de anedotas. Algumas vezes, os autores aproximam a escrita das crônicas da linguagem poética, ou até de um tipo de biografia (CANDIDO, 2003, p. 98).

Por consequência, ainda pode-se afirmar que a crônica produzida no Brasil é única e possui elementos próprios. “É que a crônica brasileira bem realizada participa de uma língua geral lírica, irônica, casual, ora precisa e ora vaga, amparada por um diálogo rápido e certo, ou por uma espécie de monólogo comunicativo” (CANDIDO, 2003, p. 99).

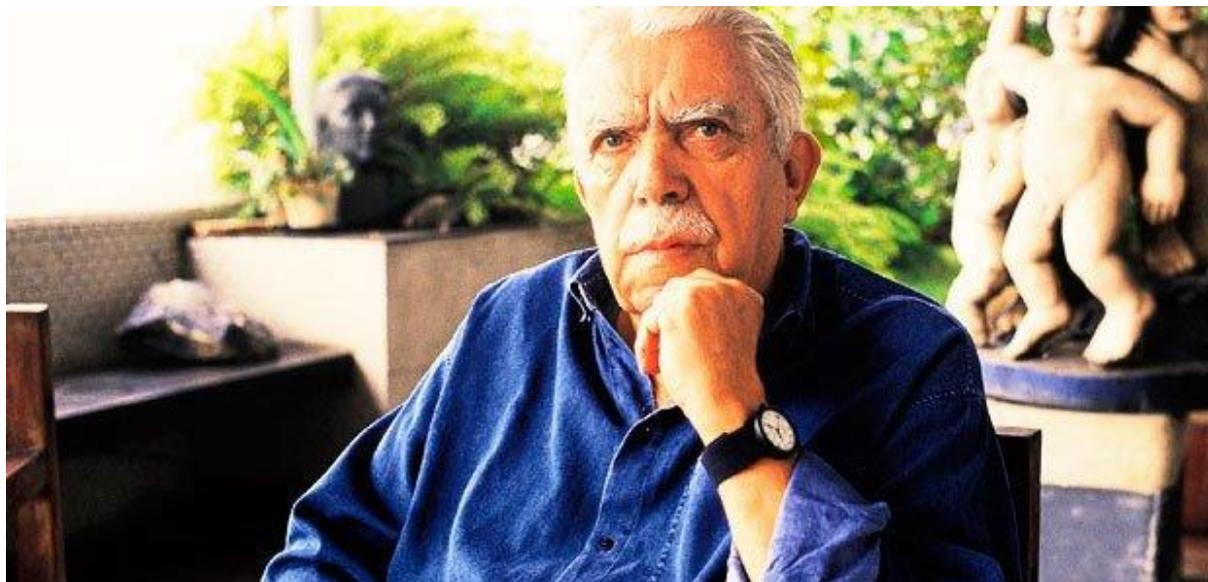
Para Vilas-Boas (2008), um bom cronista precisa ter inteligência racional e emocional, a fim de produzir textos que não sejam descartáveis e continuem tendo relevância no dia seguinte.

O bom repórter narrativo é aquele que une duas qualidades aparentemente distantes uma da outra para fazer com que uma reportagem (temática ou biográfica) se torne durável, não descartável. De um lado, ele/ela precisa usar o melhor de sua inteligência racional para estudar, levantar informações e interpretações básicas, compreender com profundidade e analisar o assunto que tem pela frente. De outro, precisa utilizar sua inteligência emocional (incluindo a tal da intuição) para se deixar tocar sensorialmente pelo tema que aborda, pela ressonância interior causada pelas pessoas com as quais irá lidar (tête-à-tête), pelas características subjacentes, sutis, dos cenários por onde circulará para levantar dados objetivos e subjetivos. O importante é, deveria ser, a busca de conteúdo e forma ancorados no real, mas expressos de maneira tão fascinante quanto a dos melhores textos de ficção (VILAS-BOAS, 2008, online).

Embora em épocas distintas, autores como Machado de Assis, Mário de Andrade, Olavo Bilac, Manuel Bandeira, Lima Barreto e Carlos Drummond de Andrade também passaram pela escrita das crônicas (BULHÕES, 2007). Porém, nenhum se dedicou exclusivamente a este gênero, com a exceção de Rubem Braga, “cronista puro (ou quase)” (CANDIDO, 2003, p.99).

4 QUEM FOI RUBEM BRAGA?

FIGURA 1 – O jornalista e cronista Rubem Braga



Fonte: Alexandre Sasaki/VEJA (1989)

Para Antonio Candido, Rubem Braga é o “único cronista puro (ou quase)” (CANDIDO, 2003, p.99) do Brasil. Braga escreveu mais de 15 mil crônicas durante a carreira e elevou a categoria do jornalismo literário no Brasil.

Braga nasceu na cidade de Cachoeiro do Itapemirim, no dia 12 de janeiro de 1913, o quinto filho de Rachel Cardoso Coelho Braga e Francisco de Carvalho Braga. A infância do cronista é simbolizada em suas crônicas como um dos poucos períodos da vida em que criou raízes (ANTONIO, 2013). Aos 15 anos de idade, quando ainda frequentava o colégio, Rubem Braga passou a atuar como correspondente no jornal *Correio do Sul*, administrado pelos irmãos mais velhos dele, conforme explica Luciano Antonio (2013):

Dentre os episódios mais relevantes da juventude de Braga e decisivo para sua carreira de escritor, está a participação no *Correio do Sul*, lançado em 30 de junho de 1928 pelos irmãos mais velhos Armando de Carvalho Braga e Jerônimo Braga. Nesse periódico, Rubem Braga, quando já estava morando no Rio de Janeiro e era estudante do Colégio Salesiano Santa Rosa, aos quinze anos, estreia no jornal editado por seus irmãos como “correspondente” da capital fluminense. Tais escritos podem ser considerados início da atividade jornalística e rascunho para o futuro cronista (ANTONIO, 2013, p.107).

Segundo Luciano Antonio (2013), Braga formou-se em Direito pela Faculdade de Belo Horizonte, em 1932, mas nunca chegou a exercer a profissão. Na ocasião, foi contratado pelo *Diário da Tarde* e passou a publicar crônicas diariamente.

Outro marco na carreira de Rubem Braga foi a cobertura da Revolução Constitucionalista para os *Diários Associados*, de Assis Chateaubriand. Nos anos seguintes passou por redações de diversos jornais Brasil à fora, como: *Diário de S.Paulo*, *Diário da Noite*, *O Jornal* e *Diário de Pernambuco*, por exemplo.

Em 1944, foi à Itália com a Força Expedicionária Brasileira, para atuar como correspondente durante a Segunda Guerra Mundial.

As crônicas dessa aventura foram publicadas em 1945 intituladas provisoriamente de Com a FEB na Itália. Teve ainda breve passagem por uma agência de publicidade e nas horas financeiramente difíceis trabalhou como tradutor da editora José Olympio. Dessa fase, figuram trabalhos como a versão para o português do livro Terra dos homens (1940) de Saint-Exupéry, lançado pouco antes na França (Carvalho, 2007). Ainda angariou frutífera carreira de embaixador, especialmente no Chile. Por fim, dentro dessa vasta galeria de profissões teve a experiência de empresário fundando, junto com Fernando Sabino, primeiro a Editora do Autor e depois a editora Sabiá (ANTONIO, 2013, p.112).

Durante a sua vida, também sofreu perseguições do governo militar, no período da Ditadura, depois de filiar-se ao ideário republicano e até chegou a ser preso (ANTONIO, 2013).

Para Afrânio Coutinho (1986), Rubem Braga foi um representante único do gênero crônica.

De todas as figuras de cronistas contemporâneos aquela que mais atrai atenção é Rubem Braga, o escritor que entra para a história literária exclusivamente como cronista. Sua técnica é dar pouco apreço aos fatos do mundo real e muita vez os escolhe como simples pretexto para a divagação pessoal. É seguramente o mais subjetivo dos cronistas brasileiros. E o mais lírico. Muitas de suas crônicas são poemas em prosa (Coutinho; 1986, p. 133 apud ANTONIO, 2013, p.106).

Tendo em vista a singularidade de Rubem Braga e da obra que ele produziu, ficam os questionamentos: as crônicas são, realmente, híbridas? Quais as características jornalísticas existentes nas crônicas de Braga? E quais os elementos

da literatura podem ser observados nas obras? É possível observar mudanças no estilo de escrita de Braga ao longo da carreira?

Para responder a estas questões acima expostas, constituintes da problematização desse trabalho, serão analisadas três crônicas de Rubem Braga: O pracinha Juan (1944), Curitiba (1954) e Recado de Primavera (1980).

5 METODOLOGIA

Conforme citado anteriormente, para a seleção das crônicas foram levados em consideração dois pontos: a cronologia das publicações e a importância das temáticas abordadas pelo autor. O primeiro ponto respeita a ordem da publicação das crônicas nos periódicos, sendo a primeira representando o começo, outra o meio e, a última, o fim da carreira do autor. Com relação ao segundo ponto, os textos foram escolhidos pensando em abordar a pluralidade de temáticas trabalhadas por Braga, ao longo da carreira: como correspondente da Segunda Guerra Mundial e como cronista do cotidiano, relatando um assunto corriqueiro do dia a dia, como na crônica Curitiba e até um assunto mais delicado: a morte do amigo Vinicius de Moraes.

Assim, foi realizada uma análise qualitativa acerca das três crônicas, com o objetivo de investigar quais elementos jornalísticos e literários compõem os textos de Rubem Braga. Segundo Augusto (2013), esta metodologia envolve uma abordagem de interpretação do mundo, onde os pesquisadores estudam os atuais cenários para entender os fenômenos a que estão inseridos.

Desta forma, o objetivo dessa pesquisa foi “descrever criteriosamente os fatos e fenômenos de determinada realidade, de forma a obter informações a respeito daquilo que já se definiu como problema a ser investigado” (TRIVIÑOS, 2008 apud AUGUSTO, 2013, p. 10).

Entre os métodos de análise de dados da pesquisa qualitativa, foi aplicada a análise de conteúdo, que por sua vez apresenta as seguintes etapas no seu processamento.

- 1) Pré-análise: nesta etapa, o pesquisador vai realizar a "escolha dos documentos a serem submetidos à análise, a formulação das hipóteses e dos objetivos e a elaboração de indicadores que fundamentem a interpretação final";
- 2) Descrição analítica: o material é submetido a um estudo aprofundado orientado pelas hipóteses e pelo referencial teórico. Procedimentos como a

codificação, a categorização e a classificação são básicos nesta fase. Buscam-se sínteses coincidentes e divergentes de ideias; 3) Interpretação referencial: a reflexão, a intuição com embasamento nos materiais empíricos estabelecem relações, aprofundando as conexões das ideias. Nessa fase, o pesquisador aprofunda sua análise e chega a resultados mais concretos da pesquisa (BARDIN, 2004, p. 89 apud AUGUSTO, 2013, p.19).

Além disso, também foram comparados elementos e recursos estéticos, narrativos e linguísticos da escrita utilizados pelo autor nas três fases da carreira.

6 A LINHA TÊNUE ENTRE O JORNALISMO E A LITERATURA

Para a análise, foram selecionadas três crônicas de Rubem Braga, levando em conta os fatores já mencionados anteriormente: ordem cronológica de publicação e a diversidade de temas abordados pelo escritor durante a carreira. Na sequência, as crônicas foram categorizadas de acordo com o ano de publicação e a quantidade de parágrafos, levando em conta que, originalmente, eram publicadas em jornais impressos diários.

QUADRO 1 – Relação de crônicas utilizadas na pesquisa

Crônica	Ano de publicação	Quantidade de parágrafos
O pracinha Juan	1944	24
Curitiba	1954	4
Recado de Primavera	1980	3

Fonte: PEREIRA, 2020.

A seguir, a análise de cada crônica será apresentada junto de duas tabelas. A primeira traz as características jornalísticas. Nela foram identificados os seguintes elementos: informações factuais, compromisso com o real, apuração e uso de fontes. Na segunda tabela, foram observadas as características literárias, a partir dos seguintes elementos analisados: descrição da cena, abordagem de outros pontos de vista, subjetividade, diálogos e uso da ficção.

A fim de auxiliar na análise, um trecho de cada texto foi selecionado, em que os elementos jornalísticos e literários aparecem em conjunto. Em seguida, estes elementos foram identificados e categorizados em duas seções distintas.

6.1 O PRACINHA JUAN

QUADRO 2 – Características jornalísticas e literárias presentes na crônica “O pracinha Juan”

Crônica: O pracinha Juan	Características jornalísticas
<p>Juan me fala sobre o novo fuzil Springfield. Diz que na guerra da Espanha lutou com três tipos de armas: dois fuzis e um mosquetão, armas de toda a espécie, e principalmente poucas armas. Agora vai lutar com um Springfield, e está satisfeito: gosta do Springfield.</p> <p>— Depois da guerra vai viver no Brasil, Juan?</p> <p>Diz que sim. Seu ideal é casar e levar a noiva para S. Paulo. Mas Juan tem outros ideais. Tem guardados na memória o nome daquele capitão que traiu a República e os seus soldados, e o nome daquele falangista vizinho. E outros nomes.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Informações factuais; - Compromisso com o real; - Apuração; - Uso de fontes.
Crônica: O pracinha Juan	Características literárias
<p>Juan me fala sobre o novo fuzil Springfield. Diz que na guerra da Espanha lutou com três tipos de armas: dois fuzis e um mosquetão, armas de toda a espécie, e principalmente poucas armas. Agora vai lutar com um Springfield, e está satisfeito: gosta do Springfield.</p> <p>— Depois da guerra vai viver no Brasil, Juan?</p> <p>Diz que sim. Seu ideal é casar e levar a noiva para S. Paulo. Mas Juan tem outros ideais. Tem guardados na memória o nome daquele capitão que traiu a República e os seus soldados, e o nome daquele falangista vizinho. E outros nomes.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Descrição do personagem; - Abordagem do próprio ponto de vista do autor; - Subjetividade; - Diálogo.

Fonte: PEREIRA, 2020.

A crônica “O pracinha Juan”³ foi publicada na edição de quinta-feira, 26 de outubro de 1944 do *Diário Carioca*, do Rio de Janeiro. Na ocasião, Rubem Braga estava na Itália, como correspondente da Força Expedicionária Brasileira (FEB), na Segunda Guerra Mundial. O texto aborda um pequeno perfil sobre o pracinha⁴ Juan.

Das quatro subcategorias propostas para a análise da categoria das características jornalísticas, todas aparecem no primeiro trecho da crônica “O pracinha Juan”, de Rubem Braga, que corresponde ao 19º parágrafo do texto.

Os primeiros indícios de características jornalísticas podem ser percebidos logo nas primeiras linhas do trecho em que Rubem Braga cita qual a fonte da crônica, que no caso trata-se de “Juan”, e o compromisso com a realidade, quando identifica as características da guerra em que o soldado faz parte. A apuração dos fatos se faz presente nos trechos em que o autor cita informações factuais importantes, como a contextualização histórica.

Já na categoria de características literárias, dos cinco elementos propostos, apenas o uso da ficção não foi identificado no trecho. Neste caso em específico, acredita-se que por se tratar de uma crônica sobre um combatente na Segunda Guerra Mundial, este elemento não teve espaço na construção do texto.

Observou-se a descrição da cena, técnica literária bastante utilizada no Jornalismo Literário, quando Rubem Braga discorre sobre os tipos de arma que o soldado usa e quando fala sobre os sentimentos do personagem em: “Agora vai lutar com um Springfield, e está satisfeito: gosta do Springfield” e “Mas Juan tem outros ideais. Tem guardados na memória o nome daquele capitão que traiu a República e os seus soldados, e o nome daquele falangista vizinho. E outros nomes.”

O diálogo pode ser identificado por conta do uso do travessão neste trecho, onde aparece a fala do próprio Rubem Braga questionando o soldado. Porém, durante a crônica, o autor usa de artifícios como a subjetividade para, não só descrever a cena, mas também criar um vínculo com o leitor. Esta característica comprova que uma boa narrativa tem o poder de transformar um texto, como Sergio Vilas-Boas defende. “O importante é, deveria ser, a busca de conteúdo e forma

³ A crônica na íntegra pode ser encontrada em: http://memoria.bn.br/pdf/093092/per093092_1944_05021.pdf

⁴ Termo utilizado para nomear os soldados brasileiros que serviram na Segunda Guerra Mundial, de acordo com o Dicionário Online Michaelis.

ancorados no real, mas expressos de maneira tão fascinante quanto a dos melhores textos de ficção” (VILAS-BOAS, 2008, online).

Além disso, a linguagem informal e a imersão na realidade também podem ser identificados na crônica, assim como também caracteriza o estilo autoral de Braga, em “Juan me fala sobre o novo fuzil Springfield” e “Diz que sim. Seu ideal é casar e levar a noiva para S. Paulo. Mas Juan tem outros ideais. Tem guardados na memória o nome daquele capitão que traiu a República e os seus soldados, e o nome daquele falangista vizinho. E outros nomes”.

6.2 CURITIBA

QUADRO 3 – Características jornalísticas e literárias presentes na crônica “Curitiba”

Crônica: Curitiba	Características jornalísticas
<p>“Encontro Curitiba em vésperas de festas; no fim da semana o presidente da República e sua comitiva estarão aqui para inaugurar o primeiro Palácio de governo moderno do Brasil. É imponente com seus mármore e vidros, mas hesito em dizer que seja boa arquitetura; quando o visitamos, à tardinha, neste começo de verão, o sol bate francamente na grande fachada envidraçada”.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Informações factuais; - Compromisso com o real; - Apuração.
Crônica: Curitiba	Características literárias
<p>“Encontro Curitiba em vésperas de festas; no fim da semana o presidente da República e sua comitiva estarão aqui para inaugurar o primeiro Palácio de governo moderno do Brasil. É imponente com seus mármore e vidros, mas hesito em dizer que seja</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Descrição da cena; - Abordagem do próprio ponto de vista do autor; - Subjetividade.

boa arquitetura; quando o visitamos, à tardinha, neste começo de verão, o sol bate francamente na grande fachada envidraçada”.	
---	--

Fonte: PEREIRA, 2020.

A crônica ‘Curitiba’⁵ foi publicada em 1954 no periódico *Correio da Manhã*, do Rio de Janeiro. Neste texto, Rubem Braga descreve o primeiro palácio de governo moderno do Brasil, localizado em Curitiba.

O trecho selecionado corresponde ao primeiro parágrafo da crônica. É possível identificar as características jornalísticas nas primeiras frases em que Braga utiliza informações factuais, elementos que comprovam o compromisso com o real e a apuração dos fatos em: “Encontro Curitiba em vésperas de festas; no fim da semana o presidente da República e sua comitiva estarão aqui para inaugurar o primeiro Palácio de governo moderno do Brasil”.

Já nas características literárias, a descrição da cena aparece em “imponente com seus mármore e vidros, mas hesito em dizer que seja boa arquitetura; quando o visitamos, à tardinha, neste começo de verão, o sol bate francamente na grande fachada envidraçada”. Neste mesmo trecho também é possível identificar o ponto de vista de Rubem Braga, “mas hesito dizer que seja boa arquitetura” e “o sol bate francamente na grande fachada envidraçada”.

A subjetividade também é outro elemento que pode ser constatado, tendo em vista que o trecho destacado acima é fruto do ponto de vista do próprio Rubem Braga: “quando o visitamos, à tardinha, neste começo de verão, o sol bate francamente na grande fachada envidraçada”.

Tais características conferem com o que Antonio Candido (2003) defende sobre o gênero crônica: a linguagem simples e próxima do leitor. “O seu grande prestígio atual é um bom sintoma do processo de busca de oralidade na escrita, isto é, de quebra de artifício e aproximação com o que há de mais natural no modo de ser do nosso tempo. E isto é humanização da melhor” (CANDIDO, 2003, p. 90).

⁵ Crônica na íntegra: <https://cronicabrasileira.org.br/cronicas/10885/curitiba>

6.3 RECADO DE PRIMAVERA

QUADRO 4 – Características jornalísticas e literárias presentes na crônica “Recado de Primavera”

Crônica: Recado de Primavera	Características jornalísticas
<p>“Meu caro Vinicius de Moraes:</p> <p>Escrevo-lhe aqui de Ipanema para lhe dar uma notícia grave: A Primavera chegou. Você partiu antes. É a primeira Primavera, de 1913 para cá, sem a sua participação. Seu nome virou placa de rua; e nessa rua, que tem seu nome na placa, vi ontem três garotas de Ipanema que usavam minissaias. Parece que a moda voltou nesta Primavera – acho que você aprovaria. O mar anda virado; houve uma lestada muito forte, depois veio um sudoeste com chuva e frio. E daqui de minha casa vejo uma vaga de espuma galgar o costão sul da ilha das Palmas. São violências primaveris”.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Informações factuais; - Compromisso com o real; - Apuração.
Crônica: Recado de Primavera	Características literárias
<p>“Meu caro Vinicius de Moraes:</p> <p>Escrevo-lhe aqui de Ipanema para lhe dar uma notícia grave: A Primavera chegou. Você partiu antes. É a primeira Primavera, de 1913 para cá, sem a sua participação. Seu nome virou placa de rua; e nessa rua, que tem seu nome na placa, vi ontem três garotas de Ipanema que usavam minissaias. Parece que a moda voltou nesta Primavera – acho que você aprovaria.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Descrição da cena; -Abordagem do próprio ponto de vista do autor; - Subjetividade.

<p>O mar anda virado; houve uma lestada muito forte, depois veio um sudoeste com chuva e frio. E daqui de minha casa vejo uma vaga de espuma galgar o costão sul da ilha das Palmas. São violências primaveris”.</p>	
---	--

Fonte: PEREIRA, 2020.

A crônica ‘Recado de Primavera’⁶ foi publicada em setembro de 1980, no periódico Revista Nacional, em homenagem ao amigo Vinicius de Moraes, que faleceu em julho daquele ano.

As informações factuais podem ser identificadas logo nas primeiras linhas do trecho, que faz parte do primeiro parágrafo da crônica: “A primavera chegou”. Esta frase descreve em qual período do ano o texto foi publicado: setembro.

O compromisso com o real pode ser conferido em: “É a primeira Primavera, de 1913 para cá, sem a sua participação”. E a apuração dos fatos evidencia-se no trecho: “Seu nome virou placa de rua”.

Já nas características literárias, dos cinco elementos propostos, três foram identificados: descrição da cena, abordagem do ponto de vista do autor e subjetividade.

A linguagem utilizada por Rubem Braga é informal e, além disso, por conta da abordagem do ponto de vista do autor, traz uma bagagem emocional e também literária para o texto, como pode-se observar nos trechos: “A Primavera chegou. Você partiu antes”; “É a primeira Primavera, de 1913 para cá, sem a sua participação” e “e nessa rua, que tem seu nome na placa, vi ontem três garotas de Ipanema que usavam minissaias. Parece que a moda voltou nesta Primavera – acho que você aprovaria”, fazendo referência à música “Garota de Ipanema”, de autoria de Vinicius de Moraes.

No final do parágrafo, Rubem Braga ainda descreve como estava o mar da praia de Ipanema: “O mar anda virado; houve uma lestada muito forte, depois veio um sudoeste com chuva e frio. E daqui de minha casa vejo uma vaga de espuma galgar o costão sul da ilha das Palmas. São violências primaveris”.

⁶ Crônica ‘O Recado de Primavera’ na íntegra: <https://cronicabrasileira.org.br/cronicas/12903/recado-de-primavera>.

Conforme explica Bulhões (2007), a crônica de Rubem Braga também dialoga com o jornal diário, mesmo que indiretamente, já que trata de assuntos factuais.

Além disso, também registra características simbólicas do personagem e do espaço e tempo em que está inserido, no trecho “e nessa rua, que tem seu nome na placa, vi ontem três garotas de Ipanema que usavam minissaias. Parece que a moda voltou nesta Primavera – acho que você aprovaria”, assim como explica Pena (2011).

6.4 SÍNTESE ANALÍTICA

Nos trechos selecionados para a análise, pode-se dizer que os aspectos jornalísticos e literários são identificados na mesma proporção.

Em nenhuma das crônicas o uso da ficção foi identificado, o que confere credibilidade aos textos e comprova a transitoriedade das crônicas entre o jornalismo e a literatura, conforme explica Bulhões: “A crônica é considerada um gênero ao mesmo tempo jornalístico e literário. Uma forma híbrida, portanto, vivendo uma condição ambivalente” (BULHÕES, 2007, p.47). Além disso, em todos os trechos analisados, aparecem as seguintes características jornalísticas: informações factuais, compromisso com o real e apuração dos fatos. Assim como em todos os trechos também aparecem os elementos literários: descrição da cena, abordagem do próprio ponto de vista do autor e subjetividade.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, por meio do referencial teórico, foi possível debater temas como o surgimento do jornalismo literário, as características do gênero crônica, uma breve biografia do cronista Rubem Braga, assim como uma perspectiva metodológica utilizada na pesquisa.

Com a bibliografia utilizada, constatou-se quais características definem uma crônica e para a análise, foram selecionadas três crônicas de Rubem Braga, levando em consideração a ordem cronológica de publicação dos textos e a diversidade dos temas abordados durante a carreira do autor.

Na sequência, os trechos escolhidos de cada crônica foram categorizados em duas categorias distintas: características jornalísticas e características literárias.

Na primeira, foram identificados os seguintes elementos: informações factuais, compromisso com o real, apuração e uso de fontes. Na segunda, foram analisadas: descrição da cena, abordagem de outros pontos de vista, subjetividade, diálogos e uso da ficção.

Para concluir, por meio da bibliografia e da análise dos textos de Rubem Braga, foi possível responder ao questionamento central do trabalho. O gênero traz informações do cotidiano e relevantes para o leitor, além do compromisso com o real e a apuração dos fatos. As crônicas também apresentaram aspectos literários, além dessas características jornalísticas, como a descrição das cenas e personagens, assim como a subjetividade e elementos do ponto de vista do próprio autor. A crônica, desta forma, apresenta-se como um gênero híbrido e transita entre o jornalismo e a literatura.

REFERÊNCIAS

ANTONIO, L. **Rubem Braga: os itinerários de um cronista do Rio.** Revista Estação Solidária, Londrina, v.11, p. 103-118, jul. 2013. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/estacaoliteraria/article/view/28215/20415>>. Acesso em: 25 set. 2020.

AUGUSTO, C. A. **Pesquisa Qualitativa: rigor metodológico no tratamento da teoria dos custos de transação em artigos apresentados nos congressos da Sober.** Revista de Economia e Sociologia Rural, v. 51, out./dez. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20032013000400007>. Acesso em: 22 out. 2020.

BULHÕES, M. M. **Jornalismo e literatura em convergência.** São Paulo: Ática, 2007.

BRAGA, R. **O pracinha Juan.** Disponível em: <http://memoria.bn.br/pdf/093092/per093092_1944_05021.pdf>. Acesso em: 20 set. 2020.

BRAGA, R. **Curitiba.** Disponível em: <<https://cronicabrasileira.org.br/cronicas/10885/curitiba>> Acesso em: 20 set. 2020.

BRAGA, R. **Recado de Primavera.** Disponível em: <<https://cronicabrasileira.org.br/cronicas/12903/recado-de-primavera>> Acesso em: 20 set. 2020.

CANDIDO, A. **A vida ao rés do chão.** In: Para gostar de ler: crônicas. V:5. São Paulo: Ática, 2003. p. 89-99.

CASTELLO, J. **A literatura na poltrona**: jornalismo literário em tempos instáveis. Rio de Janeiro: Record, 2007.

MARTINEZ, M. **Jornalismo literário**: tradição e inovação. Florianópolis: Insular, 2016.

MICHAELIS. Significado de pracinha. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugue-brasileiro/pracinha/>
Acesso em: 20 nov. 2020.

PENA, F. **Jornalismo literário**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

SASSAKI, A. **O jornalista e cronista Rubem Braga**. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/cultura/mostra-sp-documentario-sobre-rubem-braga-cansa/>>.
Acesso em: 22 out. 2020.

VILAS-BOAS, S. **Jornalismo e literatura**. 2008. Disponível em: <<https://www.sergiovilasboas.com.br/thinking/jornalismo-literatura/>>. Acesso em: 25 set. 2020.